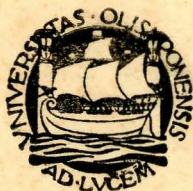


52-37-18-9

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS

REVISTA
TÔMO IX — 2.ª SÉRIE

FACULDADE DE LETRAS
N.ºs 1 E 2



UNIVERSIDADE DE LISBOA

BIBLIOGRAFIA

L. CABRAL DE MONCADA, *Universalismo e Individualismo na concepção do Estado: S. Tomás de Aquino* — Coimbra, 1943.

A intenção do Autor dêste trabalho (primitivamente uma conferência pronunciada em Braga e no Pôrto em Março do corrente ano) é mostrar que «o tomismo tem dois lados — um individualista, outro universalista». Ao contrário do que, segundo o Prof. Moncada, se tem feito em Portugal, onde se considera quasi exclusivamente o lado individualista, como se fôsse o único, convém reivindicar o lado universalista na interpretação do Aquinense e «pensá-lo mais universalisticamente», e talvez se consiga assim ser mais fiel ao seu pensamento.

Universalismo e individualismo são esquemas de interpretação, mais ou menos adequados à expressão do pensamento de certas épocas, que alternadamente tomam formas em que o todo prevalece em importância sobre as partes, ou as partes sobre o todo. Alguns exemplos apresentados fundamentam êste ponto de vista. Depois de assente êste critério, o trabalho divide-se em duas partes: a) determinar o sentido rigoroso a dar aos conceitos de universalismo e individualismo; b) investigar se o pensamento político do Doutor Angélico é universalista ou individualista.

Quanto ao primeiro ponto — sentido dos conceitos de universalismo e individualismo — trata-se de um problema geral, metafísico e ontológico, cuja origem é remota e tem permanentemente ocupado os pensadores europeus. Que êle possa identificar-se com as categorias do pensamento místico, do totalismo unitário, de que a multiplicidade empírica é simples indício, é problema que deixamos em suspenso. Parece que em S. Paulo e na especulação medieval cristã, exemplos citados pelo Autor, não se trata de simples esquemas explicativos, mas, pelo contrário, de algo com sentido ôntico e transcendente.

E tomando os conceitos referidos no seu aspecto puramente explicativo, surge ainda um problema de precisão terminológica de relativa importância: pertencem os dois conceitos em questão ao mesmo plano teórico de compreensão? É certo que o uso os tornou quasi inseparáveis, mas nem por isso é convincente o seu emprêgo, embora o Prof. Moncada, nem ninguém, tenha culpa disso. Universal opõe-se a particular, individual a social. Ora, o particular

nem sempre coincide com o individual, e o social difere também do universal. Parece que esta imprecisão terminológica teve, pelo menos na história da filosofia, conseqüências que ultrapassam em muito o plano da expressão.

A própria filosofia medieval entendeu o problema dos universais de maneira muito diferente daquela que o universalismo, tomado no sentido de esquema explicativo, pretendeu posteriormente explicar. Tudo isto, de que o Prof. Moncada toma consciência e não esquece ao longo do seu trabalho, leva a dificuldades que o forçam à distinção do problema em um aspecto ontológico-metafísico e outro aspecto ontológico-empírico. O primeiro aspecto é eliminado das suas considerações.

Ontológico-metafísico é, julgamos nós, o sentido ôntico do problema e parece-nos que, como tal, tinha de ser forçosamente eliminado, pois simples esquemas explicativos não podem ter sentido ôntico ou metafísico. O segundo aspecto, ontológico-empírico ou crítico, na terminologia do Prof. Moncada, ou propriamente ontológico (possível adequação aos aspectos da realidade a que o esquema se aplica) é, quanto a nós, o único que tem sentido e pode subsistir antes e depois da eliminação do primeiro.

Esta suposição do sentido metafísico do universalismo (aliás eliminado das suas considerações pelo Prof. Moncada) parece resultar da aproximação injustificada entre o universalismo e o problema dos universais. Contra isto basta apenas um argumento: os universais não foram nunca, na filosofia medieval, considerados como esquemas de classificação, como o é o chamado universalismo. Não haverá aqui uma insensível transposição entre o universal (como real, conceito ou nome) e o universalismo (como esquema, forma ou atitude mental?) Transposição, aliás, de que o Prof. Moncada não seria certamente culpado, tão freqüentemente ela é feita pelos historiadores da filosofia.

O Prof. Moncada dedica algumas páginas bem pensadas à filosofia contemporânea e ao sentido actual do universalismo e individualismo, e chega às seguintes conclusões: a) que a relação entre ambos é mais complexa do que a relação causal; b) que os esquemas do universalismo e individualismo « não têm uma igual e indiferente aplicabilidade a todos os sectores da realidade »; c) que a filosofia, além do momento teórico-especulativo, tem um momento axiológico e activo. E destas considerações admiravelmente deduzidas, conclui o Prof. Moncada que a filosofia actual é simultaneamente universalista e individualista, isto é, que os esquemas anteriormente supostos válidos para toda a realidade se aplicam diferencial ou regionalmente. Interpretando e possivelmente desviando-nos do Prof. Moncada, poder-se-ia dizer que o universalismo é o esquema de compreensão próprio aos fenómenos vitais e espirituais e a todas as formas do espírito objectivo ou objectivado, enquanto o individualismo se aplicaria com maior adequação aos fenómenos físicos e psíquicos e às formas de análise de uns e de outros. E o Autor conclui e resume esta ordem de considerações da seguinte maneira: « o nosso Universalismo da *visão teórica* do ontológico não exclui de modo algum o Individualismo da nossa visão como que *ética* do aspecto axiológico das coisas ».

A segunda parte deste trabalho é, segundo o seu Autor, a mais importante

e trata de investigar se o pensamento político do Aquinense é universalista ou individualista. «As comunidades são mais que somatórios abstractos de indivíduos; são seres também elas com uma dignidade ontológica especial». Esta afirmação condiciona a solução que vai ser dada ao problema ainda subdividido, no seu tratamento, em duas partes: a) concepção tomista do universo, e b) concepção tomista do Estado.

Quanto ao primeiro ponto, diz o Prof. Moncada: «não se conhece sistema filosófico mais acabado, mais construtivo de todo o saber humano de uma época, colocado ao serviço de uma concepção transcendente do divino e de uma Idéia religiosa». É o próprio Universalismo dos grandes gregos e o próprio Universalismo cristão». E, neste sentido, certamente que o Aquinense não poderia deixar de ser um grande universalista, porque, nos próprios termos da questão, está já a solução: uma concepção do universo ou é universalista, ou não é uma concepção do universo. Para o Prof. Moncada, porém, «este seu Universalismo... não é já apenas um esquema de inteligibilidade... é uma visão ontológica e metafísica da realidade, atingindo o absoluto do ser, e podendo por isso mesmo ser designado como um verdadeiro Realismo». Altamente interessante e sugestiva é a aproximação entre o pensamento de S. Tomás e a moderna ontologia, isto é, a afirmação de que o pensamento tomista não implica uma concepção monista da realidade, mas sim uma concepção pluralista.

Quanto ao segundo ponto, a concepção tomista do Estado, e depois da distinção já referida entre o ontológico e o axiológico, que domina o pensamento do Aquinense, o Prof. Moncada conclui de maneira irrefutável que S. Tomás foi francamente universalista quanto ao aspecto ontológico e francamente individualista, ou melhor, personalista, no aspecto axiológico do seu pensamento. A sua concepção do Estado, posta em relêvo pelo Prof. Moncada, é uma concepção personalista, síntese de universalismo e individualismo: «o Estado não é uma pura convenção; é o prolongamento racional da pessoa humana como único meio de lhe permitir atingir o seu pleno desenvolvimento vital em ordem à realização dos seus fins».

Em conclusão: este pequeno ensaio sobre S. Tomás é, sem dúvida, o melhor trabalho sobre o assunto publicado em Portugal, não só pelo tratamento profundo de uma questão complexa e muitas vezes confundida, como também pelos elementos de aproximação que fornece com a filosofia contemporânea (que o Prof. Moncada conhece admiravelmente) e que serão da mais alta importância para aqueles que pensam e desejam a renovação da filosofia do Aquinense, e para aqueles que apenas desejam saber o que vem a ser essa filosofia de que tanto se fala nos nossos dias.

DELFIN SANTOS.



ÍNDICE SUMÁRIO DO TÔMO IX

Estudos doutrinários:

	Págs.
LUÍS SCHWALBACH — <i>A contingência da situação geográfica</i>	5
JOSÉ DE OLIVEIRA BOLÉO — <i>A acção geográfica das águas subterrâneas</i>	12
ELZA PAXECO — <i>Camões e Elisabeth Barret</i>	26
VITORINO MAGALHÃES GODINHO — <i>A România e a crise do século III —</i> <i>Tentativa de interpretação</i>	39
FREDERICO LARANJO — <i>Subsídios para o estudo comparativo da balada</i> <i>inglês e do romance popular português</i>	59
GERALD M. MOSER — <i>O Cavaleiro de Oliveira na Inglaterra</i>	85
DELFIN SANTOS — <i>Substância e existência</i>	104
A. DE OLIVEIRA CABRAL — <i>Aspectos e problemas do «Fausto» de Marlowe</i>	110

Conferências do Curso de Extensão Universitária da Faculdade de Letras de Lisboa:

REINALDO DOS SANTOS — <i>O significado da pintura portuguesa do século XVII</i>	131
HERNANI CIDADE — <i>«Os Lusíadas e os poemas do Renascimento»</i>	151
VIEIRA DE ALMEIDA — <i>Dispersão do pensamento filosófico português</i>	171
DÉLIO NOBRE SANTOS — <i>Valor estético da poesia na literatura portuguesa moderna</i>	183
PAULO QUINTELA — <i>As «Barcas» de Gil Vicente</i>	211
ORLANDO RIBEIRO — <i>A terra, a gente e as origens da nacionalidade</i>	238
JOAQUIM DE CARVALHO — <i>O pensamento português da Idade Média e do Renascimento</i>	243
<i>Sumário das lições de Literatura Portuguesa do Prof. Vitorino Nemésio no Curso de Extensão Universitária de 1942</i>	253

Ensaaios e Notas:

VITORINO MAGALHÃES GODINHO — <i>Notas de História de Expansão</i>	263
-----------------------------------------------------------------------------	-----

Vida da Faculdade:

FERREIRA DE ALMEIDA — <i>Actividade cultural da Faculdade</i>	270
-------------------------------------------------------------------------	-----

Bibliografia :

- CABRAL DE MONCADA—*Universalismo e Individualismo na concepção do Estado*:
S. Tomás de Aquino (Delfim Santos), pág. 275. — LÖTHAR THOMAS, *Aus der Geschichte der Philosophie in Portugal* (Delfim Santos), pág. 278. —
JEAN PIAGET, *Language and Thought of the Child* (Delfim Santos), pág. 279.
— PADRE MOREIRA DAS NEVES, *Guerra Junqueiro* (Antônio Saraiva), pág. 279.
— HERBERT READ, *Art now* (Ferreira de Almeida), pág. 281 — DANIEL RUSP,
Mystiques de France (J. do Prado Coelho), pág. 284 — EMÍLIO PLANCHARD,
A pedagogia escolar contemporânea (J. do Prado Coelho), pág. 285. —
ERNEST RANDOLPH REYNOLDS. *Inês de Castro* (A. de Oliveira Cabral), pág. 286.
— RAINER MARIA RILKE, *Poemas*, trad. de Paulo Quintela (A. de Oliveira Cabral), pág. 287. — WILLIAM J. ENTWISTLE, *The Spanish Language Together with Portuguese, Catalan and Basque* (Elza Paxeco), pág. 293. — RICHARD PAGET, *Human Speech* (Elza Paxeco), pág. 295. — HERNANI CUADE, *Luis de Camões. A vida e a obra lírica* (Antônio Saraiva), pág. 296. — JOÃO GASPAR SIMÕES, *Caderno de um romancista* (J. Prado Coelho), pág. 297. — VIEIRA DE ALMEIDA, *Introdução à Filosofia* (J. P. C.), pág. 298 — GIL VICENTE, *O velho da Horta*, prefácio, notas e glossário de João de Almeida Lucas (J. P. C.), pág. 298. — PADRE MOREIRA DAS NEVES, *Inquietação e Presença* (J. P. C.), pág. 299. — RAÚL MACHADO, *Cristo, Sinal de Contradição* (Pinto de Carvalho), pág. 300. — *Resenha Bibliográfica*, pág. 302.